REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 778

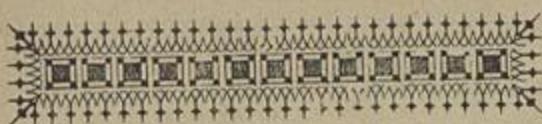
10 DE AGOSTO DE 1900

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

S. M. HUMBERTO I DE ITALIA, ASSASSINADO EM MONZA, EM A NOITE DE 29 DE JULHO DE 1900

CHRONICA OCCIDENTAL

Foi a semana dos attentados.

O rei Humberto I morreu com uma bala no coração, quando voltava alegremente d'um sarau gymnastico. O Schah da Persia viu o revolver do assassino apontado para elle, quando descuidadamente admirava as bellezas de Paris. Diz-se que um tiro foi disparado contra o Rei da Servia, quando elle só pensava em seu casamento de amor.

— Ossos do officio, disse uma vez o Rei Humberto a sorrir-se quando escapou ao punhal de Passavanti.

Reina hoje em Italia Sua Majestade Victor Manuel III.

Sua Majestade!

O Principe Victor Manuel andava viajando no seu hiate, quando avistou os signaes do semaphoro do Cabo de Spartivento, avisando-o de que era preciso arribar quanto antes. Pouco depois, abordava ao navio do Principe um torpedeiro commandado pelo tenente Jorge Dupont. Não querendo que de chofre o filho querido de Humberto soubesse toda a grandeza da desgraça que sobre a familia real se abatêra, o tenente, tratando-o por Alteza, disse-lhe que seu pae se achava perigosamente enfermo. Em terra havia muitos telegrammas. Um d'elles dizia no sobrescripto: «A Sua Majestade o Rei Victor Manuel III.

Foi esse titulo de maior honra o portador da peor das noticias; elle só contava o quinto acto da tragedia.

Sua Majestade!

Que triste herança esse titulo, dos maiores que a imaginação d'um vassallo poude criar! Victor Manuel nunca mais ouvirá essas duas palavras, que o collocam tão alto, sem recordar amarguradamente o instante em que pela primeira vez lhe cahiram, emmolduradas n'uma faxa de luto, sob os olhos.

O officio de reinar, não é hoje de apetecer. As corôas e os sceptros cada vez se tornaram mais pesados. Quanto disseram philosophos antigos em suas dissertações e os poetas em seus poemas, tudo é pallido agora.

Era um logar commum sabido, a que muitos litteratos deitaram mão, pintar o Rei sorumbatico, esmagado por algum dever penoso ou desilludido das lisonjas, invejar o camponez que casava por amor, que era feliz beijando os filhos, que depois da ceia parca dormia a somno solto e tinha sonhos côr de rosa.

Quantos d'esses contos lemos em pequeno, quanta vez nos dramas historicos applaudimos scenas a baterem na mesma tecla!

Já nos Logares Selectos nos apparece o velho Affonso IV, duvidoso sobre a sentença que devia pronunciar no julgamento da linda Ignez, dizendo os bellos versos de Antonio Ferreira, e queixando-se amargamente do peso do sceptro, todo elle d'oiro, o mais pesado dos metaes.

E dramas, novellas, contos de fada, tudo na mesma fantasia nos parecia inspirado.

Hoje, um simples relembrar de acontecimentos dos ultimos annos, faz-nos parecer mesquinha a imaginação de romancistas e dramaturgos.

Quantos lutos dentro d'esses palacios reaes, onde ainda a tantos custa a conceber que sejam mais as lagrimas do que os sorrisos, tormentosas as noites, ennuveados os futuros que dilacerados corações desejariam sonhar côr de auroras.

Pode ainda a vaidade de muitos dar-lhes forças, ensinar-lhes caminhos para trepar aos altos; o cantinho aconchegado tornou-se cada vez mais apetecivel e desejado o valle occulto onde as vidas deslisem sem cuidados, sem más sombras, com dias todos eguaes, como contas d'um rosario bemdito.

E para tal desejar já não é preciso ser-se philosopho, basta um nadinha de juizo.

Quantos reis e imperadores invejariam hoje o tonnel de Diogenes! E não pelos motivos de Alexandre.

Um jornal de Budapest, *Magyar Orszag*, descreve a entrevista que um dos seus redactores teve com o Rei Alexandre, que tanto agora tem dado que falar, por causa do seu casamento. Depois de contar como se apaixonou por aquella que hoje sentou no throno, ao seu lado, disse o Rei: — Diz-se que a minha noiva tem quarenta annos, olhe para ella e para mim. Veja como ella parece nova e veja como eu pareço velho.»

Mais um que não foi feliz. Que admira que já os seus cabellos alvejem aos vinte e quatro annos?

Nem um casamento de amor é dado a um Rei celebrar, sem que nuvens negras temerosas de temporaes lhe venham toldar a lua de mel!

A historia d'este Rei Alexandre dava um bello romance. Bom era para elle, que hoje terminasse a sua celebridade, como nas peças que acabam bem, com apotheoses, casamentos, arcos de triumpho, flores, galhardetes, bandeiras e todo o povo d'uma cidade a dar vivas.

Que contraste entre as alegrias de Belgrado e a tristeza que pesa sobre todas as cidades italianas!

O sentimento pela morte de Humberto I é geral. Não sómente nas duas camaras se manifestou mas muitas associações populares, que sahiram para a rua com bandeiras envoltas em crepes, atravessaram silenciosamente as ruas de Roma e exprimiram ao syndico a sua dôr.

A Roma teem chegado muitas deputações de diversos regimentos extrangeiros de que o Rei Humberto era commandante honorario. Tres officiaes portuguezes representarão nas exequias Lanceiros N.º 1.

A horrorosa tragedia parece até ter approximado o Vaticano do Quirinal. Segundo telegramma de Madrid, houve accordo entre a casa real e o cardeal vigario, em virtude do qual o parocho da freguezia, onde está situado o palacio dos Reis, deveria ter ido até á estação, receber o cadaver real, acompanhando-o depois até ao Pantheon, onde seria esperado pelo Arcebispo de Genova.

Se, ao menos, d'outros pontos nos chegassem noticias boas, em que se pudesse pôr uns traços de luz n'estas linhas negras! Mas não; nem do Transvaal nem da China nos chegam novas que dêem esperanças de breve e desejada solução a essas guerras que todos os dias estão ceifando milhares de vidas.

Diz um telegramma de Washington que corria o boato de ter havido em Pai-Tsang um recontro terminado pela retirada dos chinezes, mas que puzéra fóra de combate mil e duzentos homens do exercito alliado, pela maior parte russos e japonezes.

Continua a partida de tropas de differentes pontos para a China.

E como se não bastasse tanta má nova, que andamos colhendo nos telegrammas do extrangeiro, deram-nos os jornaes de Lisboa noticias inesperadas que veem accrescentar as linhas a esta secção luctuosa.

No mesmo dia, quasi á mesma hora, abriram-se as portas dos dois cemiterios de Lisboa, para darem entrada e abrigo eterno a dois cadaveres: o de Antonio Maria Jalles e o de D. Mathilde Libania Grandella.

O Dr. Antonio Maria Jalles estava na força da vida e nada fazia prever desenlace tão triste e rapido aos soffrimentos de que, ha tempos, se queixava.

Militando no partido regenerador, muitas vezes veio á camara, eleito pelo circulo de Alemquer, onde habitualmente habitava e foi sentidissima a sua morte.

Muito sympathico, trabalhador intelligente, conseguira a posição que bem merecia, conquistando muitos e dedicados amigos.

D. Mathilde Libania Grandella era uma santa velhinha, mãe do nosso querido amigo Francisco Grandella, que, com certeza, acaba de soffrer agora um dos mais terriveis golpes que podem despedaçar um coração.

Ao enterro da virtuosa senhora concorreram todos os empregados da casa e muitos amigos de Francisco Grandella, que bem lhe conhecem a bella alma cheia de purissimos sentimentos e quizeram assim manifestar-lhe, na mais triste circumstancia, o carinhoso reflexo, que a dôr do filho saudoso encontrou em muitos corações, que o estimam, que o respeitam, que soffrem de vel-o soffrer.

João da Camara.

CARTAS DA EXPOSIÇÃO

Até que emfim!... A trovoada de domingo refrescou sensivelmente a atmosphera. Respiramos ha oito dias.

Mas que semana esta! Quantos acontecimentos dramaticos! O assassinio do Rei de Italia e o attentado contra o Schah da Persia desviaram da exposição todas as attenções.

Um d'estes dias estive no Trocadero, onde, á tarde, vão tocar os pretos de S. Thomé. Coitados! Ninguem falava d'elles, ninguem se importava com elles.

E' que esses dois crimes infames commoveram profundamente toda a população de Paris, tanto mais que um d'elles foi perpetrado n'esta mesma cidade contra um hospede illustre da França, que n'este momento attrahia as attenções da grande capital.

Diz-se agora que se trata apenas d'um caso de loucura e que é essa a opinião de varios medicos alienistas. Entretanto é certo que François Sahon já foi condemnado por duas vezes, a primeira em 1894 por propagandas subversivas, a outra em 1898 por tentativa de homicidio.

O attentado deu-se na Avenida Malakoff. Se não fossem o major que commandava a escolta ter, com a espada, desviado o revolver, e o grão-vizir ter applicado no assassino um valentissimo socco, o Schah da Persia estaria n'este momento a fazer companhia a Carnot, á imperatriz de Austria, a Canovas, ao Rei Humberto.

Mozaffard-ed-Dine abreviará, segundo se diz, a sua estada na Europa.

Ossos do officio, como dizia o pobre Rei Humberto.

A morte do monarcha italiano fez com que se retirassem de Paris muitos dos jornalistas italianos que de Roma e Milão, d'estas duas cidades principalmente, tinham vindo assistir aó congresso da imprensa.

Muitas festas que estavam annunciadas deixaram e deixarão de realisar-se. A morte do rei Humberto determinou esse luto. O presidente da Republica não compareceu na sessão de inauguração do congressor ealisada na Sorbonne.

Aqui nos temos encontrado com muitos jornalistas de Lisboa: Magalhães Lima, Consiglieri Pedroso, Jayme Victor e Alfredo de Mesquita.

Muitos vieram do Porto; mas d'esses apenas temos o gosto de conhecer a Guedes de Oliveira. Estão tambem em Paris os jornalistas Branco Rodrigues, Gualdino de Campos e Bernardo Lucas.

Os trabalhos do congresso continuam.

O discurso de inauguração pronunciado pelo sr. Mézières foi um elogio funebre ao Rei Humberto.

Avistámos apenas uma vez a Rainha sr.ª D. Maria Pia, que tão cruel golpe deve ter soffrido em Aix-les-Bains, ao saber da morte de seu muito querido irmão.

A sr.ª D. Maria Pia visitou em Paris a ex-imperatriz Eugenia, que aqui se acha hospedada n'um dos melhores hoteis. Decerto conversaram sobre o tempo em que El-rei o sr. D. Luiz e a elegantissima Rainha de Portugal foram recebidos principescamente no hoje aluido palacio das Tulherias. Foi isso durante a exposição de 1867. Ha trinta e tres annos. Que voltas deu o mundo desde então!

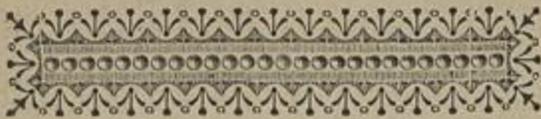
A sr.ª D. Maria Pia andou incognita, acompanhada pelo sr. Infante D. Affonso, visitando as installações portuguezas.

O Presidente da Republica, acompanhado por todo o alto pessoal da exposição, foi no dia 27 visitar as installações agricolas estrangeiras. Quasi todos os membros da commissão portugueza estiveram presentes nos nossos pavilhões durante a visita do illustre chefe da republica franceza que, segundo consta, ficou muito bem impressionado com as installações dos nossos vinhos famosos.

Uma nota desagradavel. Um jornal de Lisboa publicou noticias sobre recompensas concedidas a varios expositores portuguezes, que ainda não haviam sido approvadas pelo jury superior. Foi uma indiscripção, que muito desagradou e que póde até comprometter serios interesses. Caso identico já se dera com uma noticia enviada ao *Imparcial* de Madrid antes de tempo, por um membro hespanhol do jury incumbido das classificações. O resultado d'essa primeira indiscripção, nada lisongeiro, ensinava os portuguezes a pôr as barbas de molho, que as que ardiam eram de visinhos... em toda a extensão da palavra. Em Paris tambem os proverbios portuguezes servem.

Esperamos que o máo resultado não seja tão feio como por ahi se pinta. Mas foi o diabo.

Paris, 5 de agosto de 1900.

M. C.

AS NOSSAS GRAVURAS

S. M. HUMBERTO I, REI DE ITALIA

Foi um supplemento das *Novidades* que espalhou por toda Lisboa a horrorosa noticia do assassinio.

O Rei de Italia, Humberto I, filho primogenito de Victor Manuel, morreu assassinado ás mãos de Gaetano Bresci, que sobre elle descarregou tres tiros de revolver, quando, depois de ter assistido a um sarau gymnastico, o infeliz monarcha recolhia ao seu palacio de Monza.

A noticia encheu de consternação o mundo inteiro. Todos protestam contra a infamia, que assim poz termo á vida do heroe de Custozza.

Humberto I, filho primogenito do Rei Victor Manuel e da archiduqueza Adelaide da Austria, nasceu em Turim a 14 de março de 1844.

Aos vinte e dois annos, quando da guerra com a Austria, sendo major general do exercito italiano, tornou-se celebre pela sua heroicidade na batalha de Custozza, commandando a carga de cavallaria que ficou lendaria.

Casou em 1868 com sua prima Margarida de Saboya, filha do duque de Genova.

Seu filho, hoje Victor Manuel III, nasceu em Napoles a 11 de novembro de 1869.

Quando Humberto de Saboia succedeu a Victor Manuel em 1878, na proclamação que dirigiu ao reino prometteu seguir os passos de seu pae, seus exemplos de dedicação á patria, de amor ao progresso, de fé na liberdade das instituições.

Foi um perfeito rei constitucional, nem sempre feliz, quer pelo estado de excitação politica em que muita vez viu a Italia, quer pela politica colonial, iniciada pelo ministerio de Crispi, e que deu em resultado as ingloriosas expedições contra Menelick, o negus da Abyssinia.

Quanto o rei era estimado em toda a Italia provam-o com eloquencia um sem numero de factos conhecidos, alguns d'elles resumindo se em pequeninas e interessantes anedoctas, quasi todas demonstrando a lhaneza do seu caracter e a bondade de seu coração.

Em Roma, ao saber-se a noticia da morte do Rei, houve manifestações tumultuosas contra os socialistas. Um grupo de estudantes foi dar vivas ao Rei defronte da casa da redacção do jornal *Avanti*. A municipalidade de Milão, que é socialista, publicou um manifesto contra o odioso crime e mandou pôr a bandeira a meio páo.

As manifestações de sentimento são innumeras. O povo dedicava a Humberto I uma grande sympathia.

As suas ultimas horas parece tel-as passado de coração bem desprevenido, mal cuidando que muito breve uma bala assassina havia de atravessal-o.

Apenas entrára no Gymnasio resoou uma salva de palmas. A festa começou. O Rei estava encantado. Aprazia-lhe ver a mocidade adextrada e forte.

Ao espectaculo seguiu-se a distribuição dos premios. Eram pouco mais de dez e meia, quando o Rei entrou na carruagem, que devia conduzil-o ao palacio.

Mal a carruagem começou a andar, ouviram-se uns poucos de tiros.

Quem primeiro deitou mão ao assassino foi o marechal de carabineiros.

A multidão reclamava a morte do carrasco, que, a muito custo, poude ser salvo.

Um quarto d'hora depois, o Rei expirava.

A Rainha senhora D. Maria Pia, soube, em Aix-les Bains, da morte de seu irmão, que muito amava. Mandou logo preparar um comboio especial e partiu para Monza.

Victor Manuel III e sua mulher a Rainha Helena, que andava viajando, chegaram a Monza no dia 1. Foi commoventissima a primeira entrevista da Rainha Margarida com seu filho.

Na quarta feira á noite o cadaver partiu de Monza para Roma, onde devem ter se realisado as exequias, a que assistiram a Rainha de Portugal e representantes de muitas familias reaes.

Bresci, o assassino, tecelão, homem forte e moreno, affirma não ter cumplices. Entretanto teem-se effectuado varias prisões.

Gaetano Bresci, natural de Prato, abandonou a Italia em janeiro de 1897, indo viver para Nova-York. Depois d'isso esteve em Budapesth, onde se tornou suspeito á policia e d'onde desappareceu no proprio dia em que foi assassinada a imperatriz de Austria.

O novo rei da Italia na proclamação que fez aos italianos declara proseguir no caminho que seu pae lhe mostrou, continuando a defender as instituições contra os perigos que puderem ameaçal-as.

A sua educação militar começou aos doze annos, entrando o principe para o collegio militar de Napoles.

Casou em 24 de outubro de 1896 com a princeza Helena, filha do principe de Montenegro, a qual é uma das mais formosas rainhas da Europa.

Os novos reis de Italia não teem filhos. E' successor do throno o duque de Aosta, filho de Amadeu, que foi rei de Hespanha, e era irmão de Humberto.

O duque de Aosta é casado com a princeza Helena de Orléans, irmã da nossa rainha, sr.ª D. Amelia.

RAPHAEL LOPES DE ANDRADE

Damos hoje o retrato do Conselheiro Raphael Jacome Lopes de Andrade, distincto official da armada portugueza, fallecido repentinamente em Cintra no dia 26 de julho.

Foi um destemido marinheiro. Quando commandava a canhoneira *Rio Lima*, em viagem de Macáo para Timor fez prodigios de valentia, não abandonando o seu logar e, durante dois dias e duas noites, continuando a dirigir a faina dos seus homens, em meio d'um temporal medonho, apesar de se achar com uma perna partida, tendo-o uma vaga atirado contra amurada.

Em Timor e Moçambique e na India deixou de si boa fama como governador, em occasiões muito difficeis, tendo muita vez que demonstrar sua energia de ferro.

O illustre official tinha o officialato de Aviz e as commendas da Conceição e Torre e Espada.

El-rei D. Carlos, que muito o considerava, dera-lhe as honras de seu ajudante de campo.

O conselheiro Raphael de Andrade dedicou ao serviço da patria perto de trinta annos da sua vida.

Nascêra em 1 de outubro de 1851 e fôra nomeado guarda marinha aos 20 annos.

Ao voltar da India fôra residir para Cintra, gosando entre os seus um descanço, que justamente conquistára.

A sua morte inesperada foi muito sentida por quantos conheceram o caracter leal, a intelligencia lucidissima, a probidade sem mancha do valente official, que foi honra da nossa marinha.

A EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS

O palacio do Trocadero

Da exposição universal de Paris em 1878 ficou no Campo de Marte o bello palacio do Trocadero, que ainda hoje se ostenta brilhantemente no meio de tanta maravilha accumulada. Assim tambem da exposição de 1889 ficaram a Torre Eiffel e a arrojada Galeria de Machinas, a qual se transformou na sala das festas da de 1900. Ao palacio do Trocadero egualmente se lhe deu applicação condigna attrahindo ás suas installações a concorrencia dos visitantes.

Ao contrario da Galeria das Machinas de 1889 foi logo desde o seu começo, destinado o palacio do Trocadero a sobreviver á exposição de 1878. Defronta elle com o campo de Marte, do outro lado do Sena, e póde considerar-se um dos mais bellos edificios d'essa grande Babylonia moderna que se denomina Paris. Foi construido segundo os planos e sob a direcção dos architectos Daviond e Bourdais, e compõe-se de uma immensa rotunda central flanqueada por duas torres de sessenta metros de altura. A' direita e á esquerda alongam se em hemicylo duas galerias entrecortadas de pequenos pavilhões, terminando por dois mais elevados. A cupola central cobre uma immensa sala de fórma circular tendo cincoenta metros de diametro, e a que então se chamou a salla das festas, podendo comportar uns 4:500 espectadores e 1:500 executantes. Esta sala, disposta em amphytheatro, tem cincoenta metros de altura; indicação suficiente para se imaginar da sua imponencia.

O conjuncto de tal construcção, que allia com felicidade o estylo neo-grego, a renascença e o oriental, é pois de um aspecto magestoso e que se impõe ao forasteiro. Basta dizer-se que a sua cupola central é oito metros mais elevada que a de S. Pedro de Roma.

A sua inauguração realisou-se com uma profusa exposição retrospectiva, onde, como agora, se admiraram riquissimas collecções tanto nacionaes e do estado como estrangeiras e de particulares.

Na grande sala dos concertos d'este palacio realisou-se ha pouco uma matinée da «Comedia Franceza», offerecida por Jules Claretie aos congressistas da imprensa, recentemente reunidos em Paris.

REAL PALACIO DE QUELUZ

— PAVILHÃO ONDE FALLECEU D. PEDRO IV

No antigo solar do tristemente celebre Christovão de Moura, e quinta dos Côrtes Reaes fundou D. João IV a *casa do infantado* em 11 de agosto de 1654, destinada aos filhos segundos dos reis de Portugal.

Quem primeiro desfructou essa casa foi o terceiro filho de D. João IV, o infante D. Pedro que depois foi segundo no nome.

D. Pedro III alargou muito o palacio de Queluz e fez d'elle uma habitação real, para o que encarregou o architecto Matheus Vicente d'Oliveira e o esculptor francez João Baptista Robillon da edificação e embellezamento do palacio.

As obras duraram de 1775 a 1786, em que falleceu aquelle monarcha, mandando continuar os trabalhos, em 1794, a rainha D. Maria I.

Actualmente tem-se restaurado com carinhosa solicitude o parque do palacio, especialmente na ornamentação em azulejo, que guarnece a varzea e outros pontos, estando encarregado de tão importantes trabalhos o nosso amigo Pereira Junior, habil pintor decorador, que n'este ramo de ceramica tem mostrado a sua competencia.

Em consequencia do incendio que destruiu boa parte do velho palacio da Ajuda, foi a familia real habitar o palacio de Queluz, onde esteve até 1807, anno em que retirou para o Brazil, por motivo da invasão franceza.

Foi no pavilhão annexo ao palacio, mandado construir por D. Maria I, que nasceu o primeiro filho de el-rei D. João VI, o principe D. Pedro, depois D. Pedro I do Brazil e IV de Portugal.

Ali passou os primeiros annos da sua infancia, o rei soldado, e no mesmo quarto onde pela primeira vez viu a luz do dia, ali morreu a 24 de setembro de 1834.

Ainda hoje se encontra n'aquelle quarto tudo como no tempo em que ali esteve D. Pedro IV, incluindo a cama em que falleceu.

EXORCISMOS

O parocho da freguesia de... ha uns trinta annos, era um sacerdote, tão illustrado como intelligente, que exercera n'outros tempos com grande fama o ministerio do pulpito; um padre versado não só em theologia como em sciencias naturaes, mas que tivera a infelicidade de ser mandado cura d'almas para uma parochia, onde não havia convivencia digna de tão alto e superior espirito...

Eu teria então os meus desoito annos e exercia, na residencia parochial, o mister de escripturario, para o qual me tornára recommendado (áparte a modestia) pela minha boa caligraphia.

Um dia (lembra-me como se fosse hoje) estavamos nós — o parocho e eu — a fazer o *rol dos confessores*, obra de grande tomo, porque é de saber que a tal parochia era uma das maiores do reino, tamanha que por si só constituia um concelho, com cerca de tres mil fogos, e não sei quantos milhares d'almas. De repente abre-se a porta do escriptorio: era a creada que vinha dizer ao sr. vigario, que estava ali uma visinha, a Maria da Clara, muito afflicta, que desejava falar-lhe.

— A mulher que entre — ordenou o vigario com a sua voz forte e sonora.

Retirou-se a creada, e pouco depois a mulher entrou: vinha tremula, n'um choro convulso, sem poder articular palavra, n'uma grande crise nervosa, e tanto que nem deu os *bons dias* ao vigario, como aliás era de rigoroso estilo.

Esta circumstancia fez irritar o vigario, que em questão de cumprimentos, era demasiado formalista para desculpar uma falta de attenção ou de delicadesa ao mais boçal ou estupido dos seus parochianos, ainda mesmo em crises de choro.

Eu, sem querer attribuir perspicacia ao que não era senão o resultado da convivencia com aquelle homem, percebi logo o estado de espirito do vigario quando o vi erguer-se de subito, tirar os oculos do nariz e pousar sobre a mesa o livro que estava folheando. Depois, dirigindo-se á mulhersidha, n'um tom meio aspero meio evangelico, perguntou-lhe:

Vocemecê que tem? E quedou-se, de pé, com a sua bella figura alta e aprumada, á espera da resposta.

A Maria da Clara, em phrases entrecortadas de soluços e sempre chorando, explicou: que sua

mãe acabava de lhe dar uma coisa de repente; que não podia fallar; que bracejava e esperneava com tal força que era impossivel segural-a; que rasgava o fato e tentava atirar-se as pessoas que estavam em volta d'ella; em fim — concluiu a pobre mulher lavada em lagrimas — que sua mãe estava possessa do diabo ou então tinha espirito mau no corpo. E, em altos gritos, accrescentava:

— Sr. vigario, accuda-me! Venha vossa senhoria a minha casa, já, e traga a cruz e a caldeirinha.

O vigario percebeu logo que estava em frente d'uma d'estas abusões do povo, estupido e fanatico; sentiu referver dentro de si uma grande indignação contra a ignorancia d'esta gente semi-selvagem; mas, fino e perspicaz, tambem viu logo que a occasião não era asada para combater o erro e manifestar livremente as suas opiniões, sem risco de passar por heretico. Pegou no chapeu, disse á mulher que o acompanhasse e dirigiu-se a casa d'ella.

Chegado ali, examinou a mãe da Maria Clara, e viu que esta se debatia em convulsões epilepticas, achando-se a doente com os movimentos livres para rasgar e quebrar tudo aquillo a que lançasse as mãos; cercada de gente, que impedia a entrada e circulação do ar; tendo os olhos injectados, os dentes cerrados e espumando fortemente pela bocca:

O vigario mandou retirar aquella gente, fez applicar á doente algumas receitas caseiras, e, na impossibilidade absoluta de debellar por completo aquella terrivel affecção morbida (uma das peiores que podem affligir a pobre humanidade) chamou a Maria da Clara, e, muito pausada e cathegoricamente, disse-lhe:

— Sabe o que sua mãe tem? Attaques epilepticos, uma doença para a qual ainda ninguem descobriu remedio. A minha missão, por agora, está cumprida, eu nada mais aqui tenho a faser. O resto é com o... medico. Vá vocemecê chamal-o, se quiser.

E despediu-se bruscamente, deixando aquella gente embasbacada.

Quando o vigario ia já a entrar em casa, sentiu uma mulher atraz D'elle. Voltou-se: era a Maria da Clara muito açodada a diser-lhe:

— O' sr. vigario! Mas os exorcismos?

— Os exorcismos — disse o bom do parocho com um sorriso fino e malicioso — vá pedir ao sachristão que lh'os faça.

E agora para moralidade do caso, convém recordar aquellas palavras de Herculano na celebre carta dirigida ao Patriarcha: «ainda que os meus adversarios o tivessem sustentado, (o milagre) com boas rasões *historicas*, parece-me que eu, vossa eminencia, toda a gente que não seja algum leigo capucho, haviamos de continuar a rir, cada qual segundo o papel que acceitou n'esta grande comedia humana — uns em publico, outros em particular.»

No caso de que se tracta, o vigario era dos que se ria em particular.

Tondella.

Eduardo Duarte.

CONSELHEIRO RAPHAEL LOPES DE ANDRADE

FALLECIDO EM 26 DE JULHO DE 1900

SCIENCIA MODERNA

IX

UM NOVO ELECTROSCOPIO

Tendo-se dedicado ao estudo sobre os corpos radio-activos, o sr. Curie imaginou um novo electroscopio que nos permitte conhecer a conductibilidade do ar sobre a influencia d'esses corpos.

O apparelho consta de um electroscopio de uma só lamina, de ouro ou de aluminio, fixa a uma lamina de cobre que se acha ligada a uma peça isoladora. Todo o apparelho é envolvido n'uma rêde metallica, mas de modo que se possa abrir ou fechar quando se queira.

N'outra caixa metallica contigua a esta e formada por uma das paredes da primeira por um dos lados, e dos outros por uma rêde metallica perfeitamente egual á da primeira caixa e tambem com a facilidade de se abrir ou fechar á vontade, existem dois pratos de madeira ou metal, um pouco affastados e cujas bases se acham ligadas: a do prato inferior á primeira caixa metallica por meio de uma haste; a do prato superior passa por um orificio que liga as duas caixas, sem tocar n'estas, de modo a ficar bem isolado. Uma outra haste, do lado opposto ao da segunda caixa metallica, dá communicação ao electroscopio com um apparelho productor de electricidade.

Os dois pratos, sustidos pelas hastes, communicam, um d'elles com a folha do electroscopio, o outro com a primeira rêde metallica, como já dissemos.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1900 — O PALACIO DO TROCADERO

Abrindo a segunda rêde metallica, carrega-se o electroscopio com um páu de ebonite, previamente electrisado. A lamina do electroscopio elevar-se-ha, em virtude d'este contacto, conservando-se o mesmo desvio durante algum tempo, isto para o caso de não actuar n'elle nenhuma substancia radio-activa.

E' necessario agora conhecer a differença de desvio que estes corpos produzem no electroscopio.

Para isso reduzem-se a pó as substancias radio-activas que pretendemos analysar, e collocam-se em camada muito tenue sobre um dos pratos; a radiação emittida faz com que o ar se torne conductor entre os pratos, e o electroscopio descarregando-se expontaneamente faz com que o desvio que até então existia na folha do apparelho, deixe de existir.

Facilmente, d'este modo se pode calcular a intensidade das radiações emittidas pelos corpos radio-activos.

Quanto maior fôr essa intensidade, mais espontaneamente esse desvio cessa, e a folha do apparelho volta ao seu estado primitivo; quanto menor fôr essa intensidade, mais difficilmente a folha do electroscopio tende a occupar a sua posição normal.

Parece-nos que este apparelho deve attingir o fim desejado; no emtanto, mais tarde a pratica o dirá.

5-7-900.

Antonio A. O. Machado.

O REI DAS SERRAS

POR

Edmond About

IV

HADGI-STAVROS

Immovel em meio dos empregados, Hadgi-Stavros só movia as pontas dos dedos e as dos beiços; a dos beiços dictando a correspondencia e as dos dedos passando as contas do rosario, um d'esses lindos rosarios d'ambar leitoso, que não servem para resar, mas só para entreter a ociosidade solemne dos turcos.

Ergueu a cabeça, quando nos iamos chegando, n'um relance viu as nossas circumstancias e disse-nos com gravidade que nada tinha de ironica:

— Sejam muito bemvindas. Queiram sentar-se.

O REI DAS SERRAS — Entreguei o relogio um velho traste de familia...

— Sr.! gritou M.ess Simons, sou ingleza e...

Hadgi-Stavros interrompeu o discurso.

— Logo, disse. Agora tenho que fazer.

Elle só falava grego, M.ess Simons só falava inglez; mas tão eloquentemente se exprimia a phisionomia do rei, que a boa senhora percebeu sem necessidade de interprete.

Sentámo-nos na poeira do chão. Quinze ou vinte ladrões acocoraram-se em volta de nós e o Rei, que não tinha segredos a guardar, continuou com todo o socego dictando suas cartas familiares e de negocio.

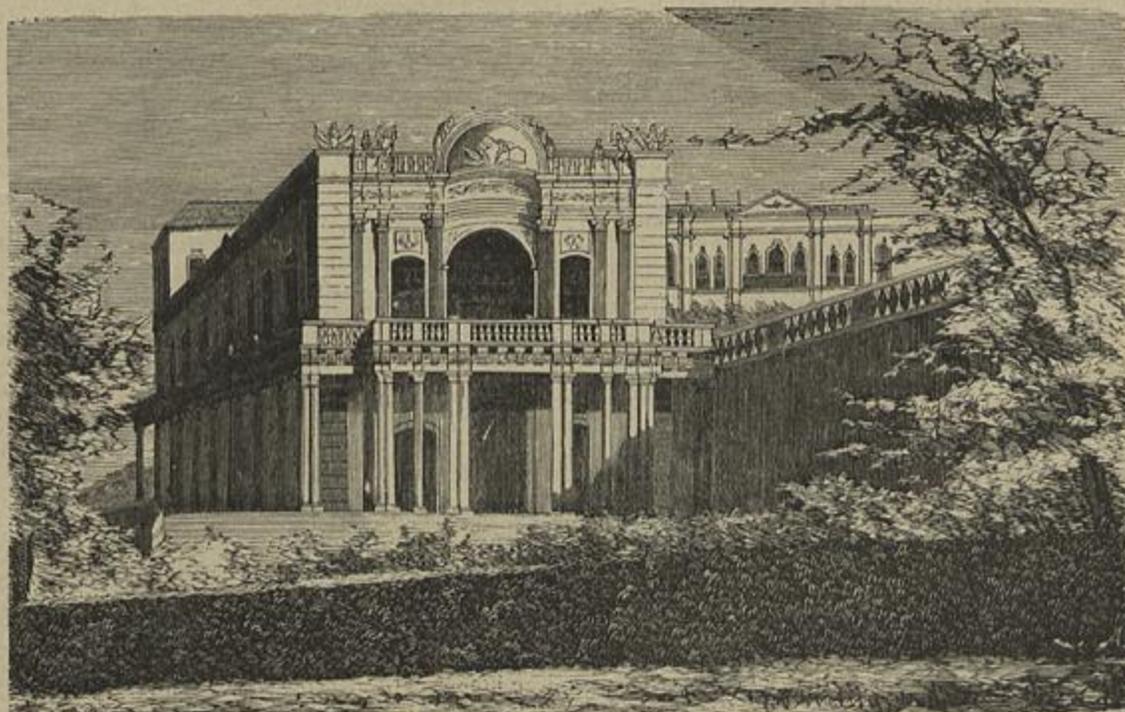
O cabo da gente que me havia preso, veiu segredar-lhe qualquer coisa. Respondeu com altivez:

— E que me importa que milord perceba? O que faço não é maldade alguma e todos podem ouvir. Vai sentar-te. Tu, Spiro, escreve. É para minha filha.

Assoou-se limpamente aos dedos e dictou em voz grave e doce:

— «Olhos da minha cara. Escreveu-me a directora do teu collegio participando-me que ias melhor de saude e que com a chegada da primavera te passára a constipação. Quanto aos estudos é que, parece, não corre isso tão bem. Andas, desde o principio de abril, muito distrahida, pões o cotovelo no livro e olhas para o ar, tal qual quem pensa n'outra coisa. E' preciso trabalhar. Toda a minha vida te seja exemplo. Se eu tivesse gostado do descanço, nunca teria chegado, como cheguei, a uma alta posição na sociedade. Quero que sejas digna de mim e por isso me sacrifico tanto para educar-te. O *Walter-Scott* e o *Robinson* e todos os outros livros inglezes que mostraste desejo de ler pódes mandal-os buscar á alfandega por algum dos nossos amigos de Hermes. Pela mesma occasião receberás a pulseira que desejas e o tal machinismo d'aço que serve para arredondar as saias. Se o teu piano de Vienna não presta e queres um de Pleyel, has de tel-o. Uma ou duas aldeias, depois das colheitas, hei de lá achar o dinheiro d'um piano. E' bom que saibas musica, mas melhor é que saibas linguas Os teus domingos, aproveita-os como te disse e tambem a boa vontade dos nossos amigos. Aprende bem francez, inglez e sobretudo allemão. Não nasceste para levares a vida n'este paiz ridiculo; antes te quero ver morta do que mulher d'um grego. Filha de rei, só deves casar com um principe. Na Allemanha encontram-se alguns muito decentes. E adeus, minha querida filha, recebe, juntamente com o trimestre do teu collegio, a bençam e um beijo do teu pae muito amigo.»

M.ess Simons perguntou-me ao ouvido:

— Está dictando a nossa sentença?

REAL PALACIO DE QUELUZ — PAVILHÃO ONDE FALLECEU D. PEDRO IV

— Não, minha Sr.ª, está escrevendo á filha.
— Com respeito á nossa prisão?
— A proposito de piano, Walter-Scott e saiabalão.
— Que demora poderá isso ter? Talvez depois nos convide para almoçar.
— Olhe, ahi vem já um criado com refrescos.
O *cafedgi* parou na nossa frente com tres chicaras de café, uma lata de rahat-loukoum e um boião de doce.
M.^me^ Simons e a filha recusaram com nojo o café, porque era preparado á moda turca e turvo como caldo. Eu bebi a chicara toda como verdadeiro guloso d'essas coisas do oriente. O doce que era um sorvete com essencia de rosas não teve grande exito, porque só tinhamos uma colher para os tres. O rahat-loukoum é que, partido em bocados, não desagradou ao paladar das senhoras. Entretanto o rei ia dictando a carta seguinte:

«Srs. Barley & C.ia, 31, Cavendish-Square. Londres.

Pela sua estimada carta de 5 do corrente vejo que o meu credito é actualmente de 22750 libras. Peço-lhes que me colloquem esses fundos metade no tres por cento inglez e metade em acções do credito dos bens moveis. Vendam as minhas acções do Banco Real Britannico; são valores que não me inspiram confiança. Comprem-me antes acções da companhia dos omnibus. Enviem aos irmãos Rhalli cem guinéos com que subscrevo para a escola hellenica de Liverpool. Pesei com seriedade as propostas que me fizeram e, depois, de muito e muito maduramente pensar, resolvi não sahir da minha linha de conducta, não fazendo negocios senão com dinheiro de contado. Os negocios a praso teem um lado aleatorio que deve pôr em sobresalto um pae de familia. Bem sei que só me exporiam o meu capital com aquella prudencia que é proverbial na casa Barley; entretanto, suppondo mesmo que os lucros sejam certos, repugna-me deixar aos meus uma herança augmentada pelo jogo.

Creiam-me etc., etc.
Hadgi-Stavros, proprietario.»

— Trata-se de mim? perguntou-me Mary Ann.
— Ainda não, minha senhora. Sua Magestade faz columnas de algarismos.
— Aqui! Julguei que isso só se fazia en Inglaterra!
— Seu pae não é associado d'uma casa de banco?
— É, da casa Barley & C.ª
— Ha em Londres mais algum banqueiro d'esse nome?
— Que eu saiba, não.
— Sabe se a casa Barley faz negocios no Oriente?
— Com o mundo todo!
— E moram em Cavendish-Square?
— Ahi são os escriptorios. Nós moramos em Piccadilly.
— Muito obrigado, minha senhora. Deixe-me ouvir o resto A correspondencia d'este velho é interessantissima.
O Rei poz-se a dictar, sem descanço, um longo relatorio aos accionistas da quadrilha. O curioso documento era dirigido ao sr. Jorge Micromante, official do tribunal de justiça, para que d'elle fizesse leitura na assembléa geral dos interessados.

«*Relatorio das operações da Companhia Nacional do Rei das Serras.*

Exercicio do anno 1855-56.

Campo do Rei, 30 de abril de 1856.

Senhores:

O gerente, que haveis honrado com vossa confiança, vem hoje pela decima quarta vez submetter á vossa approvação o resumo dos trabalhos do ultimo anno. Desde o dia em que a escriptura de constituição de nossa sociedade foi assignada no cartorio do dr. Tsappas, tabellião real em Athenas, nunca a nossa empreza encontrou maiores obstaculos, nunca a marcha dos nossos trabalhos foi travada por maiores difficuldades. Foi na presença d'uma occupação estrangeira, vigiados por dois exercitos, senão hostis pelo menos mal intencionados, que tivemos de manter o exercicio regular d'uma instituição eminentemente nacional. Na zona limitada em que houvemos de trabalhar achavam-se ainda os nossos recursos reduzidos pela penuria geral, pela falta de dinheiro, pela insufficiencia das colheitas. Difficil se tornava portanto tirar o devido provento de tolerancia das auctoridades e da doçura d'um governo paternal. A nossa empreza acha-se tão estreitamente ligada aos interesses do paiz que só póde florescer na prosperidade geral.

«Os viajantes estrangeiros, cuja curiosidade é sempre fonte de receita para o reino e para nós, tornaram-se muito raros. Os inglezes falharam completamente. Um certo espirito de desconfiança alimentado pelas gazetas de França e de Inglaterra afasta-nos a gente cuja captura nos seria de maior utilidade.

«E comtudo, senhores, é tamanha a vitalidade da nossa instituição que melhor resistiu á crise fatal do que a agricultura, a industria e o commercio. Os vossos capitaes, confiados em nossas mãos renderam, se não tanto como houveramos desejado, muito mais do que era licito esperarse. Falam os algarismos, que são mais eloquentes do que Demosthenes.

«O capital da sociedade que primeiramente se limitava a 50:000 fr. elevou se depois até 120:000 pelas emissões successivas de acções de 500 fr.

«As receitas brutas desde 1 de maio de 1855 até 30 de abril de 1856 sommam 261:462 fr.

«As nossas despezas dividem-se como segue:

Dizima paga ás egrejas e conventos	26$148
Juros do capital a 10%	12$000
Soldos e comidas a 80 homens, 650 fr. a cada um	52$000
Material, armas, etc.	7$036
Reparações na estrada de Thebas, que se tornára intransitavel e onde, por isso, já ninguem passava	2$540
Despezas com as vigias nas estradas	5$885
Despezas de escriptorio.........	3
Subvenções a jornalistas....	11$900
Como estimulo a certos empregados da classe administrativa e judiciaria	18$000
Total....	135$482
Receita liquida	126$000

«Em conformidade com os estatutos este excesso de receita será repartido como segue:

Fundo de reserva depositado no Banco de Athenas	6$000
Um terço para o gerente........	40$000
A dividir pelos accionistas......	80$000
Ou seja 333 fr. 33 c. por acção.	

«Juntando a estes 333 fr. 33 c. mais 50 fr. de juro e 25 do fundo de reserva, vê-se que o total é de 408 fr. 33 c. por acção. O dinheiro rende-vos portanto 82 por 100, pouco mais ou menos.

«Eis quaes foram meus srs. os resultados da ultima campanha. É risonho o futuro que nos espera, quando a occupação estrangeira deixar de pesar sobre a nossa terra e as nossas operações.»

O Rei dictou todo este relatorio sem consultar um apontamento, sem uma hesitação, sem titubear n'uma palavra. Poz o sêllo nas trez cartas. E' como assigna. Lê correntemente, mas nunca teve tempo para aprender a escrever. Carlos Magno e Alfredo o Grande, tambem eram assim, segundo consta.

Emquanto os sub-secretarios de estado foram copiar a correspondencia do dia e deposital-a nos archivos, Hadgi-Stavres deu audiencia aos officiaes subalternos, que haviam chegado com os destacamentos. Cada um d'esses homens sentou-se defronte d'elle, saudou-o levando a mão direita ao coração e disse em poucas palavras as novidades que trazia, com respeitosa concisão. Juro-lhe que S. Luiz, á sombra do seu carvalho, não inspirava veneração mais profunda aos habitantes de Vincennes.

O primeiro que se apresentou foi um homemzinho com cara de réo. Era um ilhéo de Corfu, perseguido por fogo posto; fora bem acolhido e obtivera facil accesso por suas habilidades. Mas nem por isso era estimado pelo chefe ou pelos soldados. Havendo presa, era desconfiança geral algum desvio em proveito proprio. Ora n'isso de probidade o Rei era intratavel. Quando apanhava algum, punha-o fóra ignominiosamente:
— Vai-te fazer magistrado!
Hadgi-Stavros perguntou ao Corfiote:
— Que fizeste?
— Fui com os meus quinze homens até á Ravina das Andorinhas no caminho de Thebas. Encontrei um destacamento de infanteria: vinte e cinco soldados.
— Que é das espingardas?
— Não lh'as tirei. Eram espingardas de fulminante e como não temos fulminantes...
— Bem. Depois?
— Como era dia de mercado, assaltei os que voltavam.
— Quantos?
— Cento e quarenta e duas pessoas.
— E quanto trazes?
— Mil e seis francos e quarenta e trez centesimos.
— Sete francos por cabeça! E' pouco.
— E' muito. Tudo gente do campo.
— Pois não tinham vendido a fazenda?
— Uns tinham vendido, outros tinham comprado.
O corfiote abriu um saco e despejou-o defronte dos secretarios, que se puzeram a contar o dinheiro.
— Não trazes joias? perguntou o Rei.
— Nenhumas.
— Não havia mulheres?
— Nada que valesse a pena.
— O que e isso que tens no dedo?
— Um annel.
— D'oiro?
— Ou de latão, não sei.
— Como o arranjaste?
— Comprei-o, ha dois mezes.
— Se o tivesses comprado, sabias se era d'oiro ou de latão. Salta!
O corfiote tirou o annel, pouco contente. O annel foi logo mettido n'um cofresinho de joias.
— Perdôo-te, disse-lhe o Rei, visto teres recebido tão má educação. Os homens da tua terra deshonram o roubo, porque são larapios. Venha outro.
O que se seguiu ao corfiote era um rapaz cheio de saude, com uma phisionomia attrahente. Uns olhos redondos, á flor do rosto, diziam rectidão e bondade. Logo á primeira vista seduziam. Se estava em tão má companhia, mais dia menos dia, havia de retomar o bom caminho. Parece que elle tambem sympathisou comigo, porque me cumprimentou muito polidamente, antes de sentar-se defronte de Res.
Hadgi-Stavros disse-lhe:
— Que fizeste, meu Basilio?
— Cheguei hontem á noite com os meus seis homens a Pigadia, a aldeia do senador Limbeles.
— Bem.
— O homem não estava lá, mas a familia, o caseiro e os mais moradores estavam todos, já deitados.
— Bem.
— Entrei no khan e acordei o khangi. Comprei-lhe vinte e cinco mólhos de palha e, para lhe pagar, matei-o.
— Bem.
— Levámos a palha para perto das casas, que são barracas de madeira, e largámos fogo em sete sitios ao mesmo tempo. Os fosforos eram bons, o vento soprava do norte, foi um instante.
— Bem.
— Fomos devagarinho até aos poços. A aldeia em peso acordou aos gritos. Os homens vieram buscar agua. Afogámos uns quatro que não conheciamos e os outros safaram-se.
— Bem.
— Voltámos á aldeia. Só lá estava uma criancinha de que os paes se haviam esquecido. Como estava a chorar, deitei-a para dentro d'uma das casas que estava a arder e logo se calou.
— Bem.
— Pegámos depois n'uns tições e deitámos fogo a todas as oliveiras, com bom resultado. Voltámos para o campo. A meio caminho ceámos e dormimos. Chegámos ás nove horas todos de saude.
— Bem. O senador Zimbelei não fará mais discursos contra nós. Venha outro.
O Basilio retirou-se cumprimentando-me outra vez muito polidamente; mas não correspondi ao segundo cumprimento.
Substituiu-o o diabo que nos tinha apanhado. Caprichos do acaso: o primeiro auctor do drama em que se me distribuia um papel, chamava-se Sophocles. No momento em que elle começou a exhibir o seu relatorio, senti um frio a correr-me pelas veias. Pedi a M.^me^ Simons que se abstivesse de qualquer palavra imprudente. Respondeu-me que era ingleza e que saberia manter-se. O Rei mandou-nos calar e que deixassemos fallar o orador.
Apresentou primeiro tudo que nos havia roubado; tirou depois do cinturão quarenta ducados d'Austria.
— Os ducados, disse, arranjei-os na aldeia de Castia; o resto foi-me dado por estes lords. Disseste-me que explorasse as visinhanças; comecei pela aldeia.
— Andaste mal, respondeu o Rei. Não nos de-

vemos metter com os visinhos. Como viveremos socegados tendo inimigos á porta? E d'ahi, esta gente não é má e em certas occasiões pode ajudar-nos.

— Nada tirei aos carvoeiros; safaram-se apenas nos viram e nem tive tempo de lhes falar. Mas o paredra estava com rheumatismo e achei-o em casa.

— Que lhe disseste?

— Pedi-lhe dinheiro, disse-me que não tinha. Metti-o dentro d'um sacco com o gato, não sei o que o gato lhe fez, mas logo se poz a gritar que o dinheiro estava por detraz da casa, debaixo d'uma pedra. Foi ahi que achei os ducados.

— Fizeste mal. Vai amotinar tudo contra nós.

— Não ha perigo. Esqueci-me de abrir o sacco e o gato deve ter-lhe comido os olhos.

— Bem! Mas fique entendido que não quero mais brincadeiras com os visinhos. Retira-te.

Ia começar o nosso interrogatorio. Hadgi-Stavros, em vez de nos mandar ir á sua presença, veio ter comnosco e sentou-se ao pé de nós. Agoirámos bem d'esta prova de deferencia. M.ess Simons dispoz-se immediatamente para uma interpellação. Mas eu, que já a conhecia e o pouco tempêro d'aquella lingua, offereci-me ao Rei para interprete. Disse-me um obrigado muito frio, e chamou o corfiote, que sabia inglez.

(Continúa.)

O CYCLISMO

I

A BICYCLETTA

O cyclismo é conhecido desde os fins do seculo 17.º. Foi Ozanam, quem inventou a primeira machina velocipedica em 1693. Para a mover era preciso um creado, que collocado atraz d'este extravagante e primitivo vehiculo carregava alternativamente em duas pranchas de madeira.

Em 1790, Sivrac inventou o celerifero. Uma viga solida, descansando em duas rodas de madeira e entre estas uma almofada, tal era a nova machina, que era posta em movimento por valentes pontapés. Para a mudar de direcção, era por meio de murros na parte anterior do celerifero, de que nem sempre se tirava resultado.

Esta incommoda imperfeição foi corrigida pelo barão Drais de Sannerbrou, que fixou a roda anterior a uma especie de garfo com eixo vertical permittindo-lhe voltar para a direita ou para a esquerda. A nova invenção não foi bem acolhida nem victoriada pelo publico; os inglezes depois aperfeiçoaram-n'a, substituindo a madeira pelo ferro no fabrico das rodas e inventaram assim o *hobby-horse*, que em França se começou a chamar *velocipede*.

A necessidade de ficar em contacto com o solo reduzia a velocidade; pelo que Michaux, inventando o pedal em 1861, é apontado e com rasão como o pae da velocipedia moderna. O seu bicyclo de madeira e ferro teve voga nos ultimos annos do Imperio; depois appareceram as rodas d'aço, inventadas pelo engenheiro Gonel; as chapas das rodas de caoutchouc, os tubos d'aço substituindo as partes macissas, etc. Para augmentar a velocidade, ampliou-se a roda motora do bicyclo, que o tornava perigoso, sujeito a voltar-se e a que muitos preferiam o tricyclo.

A invenção da bicycletta resolveu a difficuldade, e quatro annos mais tarde, em 1889, a invenção do pneumatico por J. B Dunlop augmentando inesperadamente o conforto da nova machina, fez o successo que hoje tem.

Nada poderá parar a marcha triumphante do cyclismo; e não será, na historia do 19.º seculo, um capitulo de pequena importancia o que fallar d'esta industria nascida hontem, que já conta exposições em todos os grandes paizes, d'este sport cujas associações algumas attingem o numero phantastico de noventa mil adherentes.

II

A ESCOLHA D'UMA MACHINA — O PESO E A MULTIPLICAÇÃO

O cyclista escolhe uma machina, em geral, fundando-se em dois principios, ambos contestaveis: leveza e multiplicação.

Vejamos primeiro a questão do peso.

As resistencias que um cyclista que pedala tem a vencer, tem causas diversas. Uma em que o peso não tem influencia alguma, é a resistencia do ar. As resistencias interiores do mecanismo dependem da sua afinação mais ou menos perfeita, do peso total da machina e do cyclista. A resistencia da rotação dos pneumaticos sobre o sólo depende egualmente do peso total da bicycletta e do cyclista. A resistencia absorvida pelas pancadas e vibrações depende quasi exclusivamente do peso e rigidez da machina.

Ve-se portanto que o peso da machina deve ser junto ao, muito maior, do cyclista, no calculo das resistencias da rotação, o que lhe diminue a influencia. A sua importancia debaixo do ponto de vista das vibrações é muito maior, mas ha compensação dentro de certos limites.

Effectivamente de duas machinas construidas com o mesmo cuidado e com materiaes da mesma qualidade, isto é, do mesmo preço do custo, é de certo a mais pesada, que é mais forte, jogará menos e de certo tambem vibrará menos.

Sou pois absolutamente da opinião de Bourlet, que aconselha aos cyclistas adquiram machinas principalmente solidas e bem acabadas.

É tambem a opinião de Perrache, que n'uma serie d'artigos assignados pelo pseudonymo *O Homem da Montanha*, sustentou uma das mais violentas polemicas na *Bicyclette*, no *Cycliste de Saint-Etienne* e na *Revue mensuelle du Touring-Club de France*.

Apezar da sua indiscutivel competencia, não desapparece o preconceito de que a differença de peso d'um ou dois kilos da machina torna esta mais difficil de mover na partida e é causa de maior fatiga nas subidas.

Perrache e tambem sou completamente da sua opinião, defendeu energicamente a opinião de Bourlet: Uma machina de touriste deve ser pouco multiplicada.

É infantil crêr, que duas bicyclettas andando uma quatro metros e outra seis, um cyclista fará sobre a mesma estrada, com a mesma fatiga, 16 kilometros por hora com a primeira e 24 com a segunda.

Não é tanto a rapidez dos movimentos das pernas que determina o cansaço e velocidade, é antes o trabalho mecanico effectuado n'um segundo; ora a multiplicação tem uma pequenina influencia n'este trabalho.

É absolutamente falso dizer que uma cadencia de 80 pedaladas n'um minuto (para cada pé) é difficil de manter durante muito tempo. Perrache verificou que collocando a machina sobre um suporte, depois de lhe tirar a corrente, pode-se muito facilmente dar 90 pedaladas no ar, sem sombra de cansaço nem fadiga.

Portanto, se esta cadencia fatiga sobre o sólo, é porque uma machina muito multiplicada impõe a velocidade muito grande, e, por conseguinte, trabalho mecanico muito grande.

Pelo contrario, com uma machina pouco multiplicada, não sendo nada excessiva a velocidade que se obtem quando se dá 90 pedaladas, ninguem se cansará e nas subidas, sentirá alivio tal, que se tiver de andar muitas vezes em paiz accidentado, não hesitará evidentemente, em adquirir uma machina com pequena multiplicação.

A escolha d'esta multiplicação depende das forças physicas do cyclista, da velocidade das pernas e principalmente da natureza do paiz que tem de percorrer.

Terminados estes preliminares theoricos, tratemos agora da questão pratica da escolha d'uma machina.

Primeiramente aconselho que se adquira uma marca conhecida. Não porque certo corredor ganhou uma corrida enthusiasta por um quarto d'espessura de pneumatico, mas porque uma machina feita n'uma boa officina, por operarios habeis e sob a direcção de pessoas com reputação feita, dá garantias, que não se encontram em uma machina anonyma. O que confirma isto é que a bicycleta «de marca» revende-se sempre mais cára que uma machina ordinaria que custa o mesmo.

Apezar de ser reconhecida a verdade do que digo, muitos cyclistas hesitam diante do preço elevado d'uma machina de boa marca e preferem compral-as d'occasião. Com machinas d'occasião, tudo pode succeder, pode-se obter por preço moderado uma machina pouco usada, como tambem pagar relativamente cáro verdadeiros canhões.

Esforcei-me mostrar que a influencia do peso é bastante secundaria; é pois absolutamente ridiculo deixar de comprar por uma differença de peso de 500 grammas, como muitas vezes succede.

O cyclista deve escolher a machina conforme a sua estatura. Alguns fabricantes põem o pedaleiro, o mais baixo possivel; de que resulta mais facilidade em montar, mas é absolutamente falso crer que o equilibrio é mais facil n'uma machina baixa. Pelo contrario as machinas altas são mais estaveis. Vou dar um exemplo que fará comprehender a razão d'isto.

Experimente-se conservar direito em equilibrio sobre um dedo uma haste curta de madeira, um lapis por exemplo. A não haver disposições para a arte de equilibrista não se consegue. Se em vez d'um lapis fôr uma bengala, será mais facil. Experimente-se com uma vara comprida, não muito pesada, não haverá a menor difficuldade.

O mesmo acontece com a velocipedia. O equilibrio lateral é de certo mais facil no grande bicyclo, do que na bicycleta; conheço pessoas que já teem experimentado a bicycleta Torre Eiffel, essa extraordinaria machina com 4 ou 5 metros de altura, que lhes éra muito facil andarem n'ella, se não tivessem... a apprehensão muito natural de se verem encarapitados em tal altura.

Por conseguinte, quem é alto, deve escolher uma machina com grande quadro; se a altura é muito superior á regular, a distancia entre o ponto e o selim deve ser bastante, para que o joelho nunca toque no guiador, se se tiver posto baixo. Conheço um desastre seguido de morte, cuja unica causa foi esta.

III

DA POSIÇÃO NA BICYCLETTA

Os touristes e cyclistas, em geral, não teem vantagem em adoptarem a posição do corredor inclinado para diante. O corredor anda n'um velodromo onde não ha paysagem a contemplar; tem todo o empenho em se inclinar para diante por offerecer menos resistencia ao ar que tem de cortar com velocidade muitas vezes perto de 60 kilometros por hora. Pela mesma razão adopta guiador curvado para diante e para baixo, estreito, para empregar o termo verdadeiro.

Mas os cyclistas communs, que teem na sua machina guiadores d'este genero acham-nos tão pouco comodos para o seu uso vulgar que se habituam a segurar o guiador pelo meio para evitar a posição inclinada, muito fatigante.

Deixemos o guiador Cassignard dormir socegado em companhia do guiador Gougoltz e use-se simplesmente um guiador direito ou muito pouco arqueado, ficando os punhos ás mesma altura do selim.

O selim deve ficar á altura de modo que, collocado o pedal o mais baixo possivel, estando a perna estendida sem esforço, o calcanhar alcançe-o sem difficuldade.

Deve collocar-se o selim adiante ou atraz do eixo do pedaleiro? Sobre este ponto, ha muitas opiniões. Nas primeiras bicyclettas, o cyclista ficava perpendicular aos pedaes. Depois veio d'Inglaterra o habito inexplicavel de collocar-se o selim muito atraz, por cima da roda motora. Sendo ao mesmo tempo ingleza e absurda, esta moda não podia deixar de ser bem recebida; por isso todos os cyclistas adoptaram-n'a depressa, como dando «mais força nas subidas.» Deve notar-se que em materia cyclista, quando se quer demonstrar as vantagens d'uma cousa, diz-se quasi sempre que «supprime as subidas.» Como ha ainda tantas?

Hoje, as theorias mudaram para um modo que julgo mais racional, e os corredores collocam o selim quasi perpendicular ao pedaleiro, emquanto que os punhos do guiador, conforme o movimento, ficam adiante do ponto.

Tiremos á posição dos corredores o que tem de commodidade, e colloquemos o selim de modo que o seu bico, fique quasi verticalmente por cima do pedaleiro, 5 a 10 centimetros para traz, o maximo.

IV

SELIM — PEDAES — CARTER — PNEUMATICOS — TRAVÃO

Muitos cyclistas preferem usar selim duro, para evitarem dansar sobre elle, o que é prejudicial aos movimentos do pedal. Entretanto, não se deve imitar os corredores, os principiantes principalmente as senhoras, hão de se arrepender se montarem machinas com selim pouco elastico pelo mal que este lhes pode causar. Nas excursões que duram um dia todo, é quasi sempre a dôr causada pelo selim que se torna mais sensivel e não a fatiga das pernas.

Quer o selim seja duro ou elastico, deve-se-lhe levantar um pouco a ponta, para evitar a tendencia que quasi todos os cyclistas teem de se porem a cavallo sobre a parte recta do selim; pelo que, supportando o perineo todo o peso do tronco que normalmente deve descançar sobre os ischions, sesulta compressões dolorosas dos orgãos da região.

A questão do comprimento das manivellas, as-

sumpto já bem estudado, é actualmente conspiração de silencio dos constructores; quer a altura do cyclista seja 1m,55, quer seja 1m85, as manivellas teem sempre a mesma extensão (de 0m,165 a 0m,17 conforme as marcas.) E' de certo evidente que as manivellas deviam ser proporcionadas ao comprimento das pernas.

A estreiteza do pedaleiro tem sua razão de ser; um pedaleiro estreito approxima as pernas da posição natural. A pé no andamento ordinario os pés passam tão proximo um do outro que muitas vezes os dois sapatos tocam-se ao nivel dos tornozellos e pela parte interna dos calcanhares. Quando se anda em bicycleta pela primeira vez, procura-se instinctivamente juntar as pernas; os pés manteem-se afastados pelos pedaes, os joelhos approximam-se, d'ahi resulta uma posição absolutamente desgraciosa.

Deve-se evitar os joelhos cambaios por ser feio e prejudicial ao movimento do pedal.

E' preferivel collocar ganchos nos pedaes. Muitas pessoas receiam, em caso de queda, ficar com o pé pendurado no pedal. Sem ser impossivel, este accidente deve ser infinitamente raro e muito menos se deve receiar o perigo de sahir o pé fóra do pedal nas descidas. O gancho diminue, além d'isso, a contra-pressão, e supprime quasi os maus effeitos do ponto morto. Mas ainda ha mais.

Os ganchos teem ainda a vantagem de corrigir a má tendencia que muitos cyclistas teem de carregar com o pé todo, até ao calcanhar, sobre o pedal. N'estas condições, o pé não tem absolutamente agilidade; pelo que é impossivel pedalar com cadencia rigorosa. O pé deve ser collocado de modo que a parte mais larga fique acima do eixo do pedal.

Um accessorio que é especialmente commodo n'uma machina de *touriste*, é a caixa para a corrente ou carter. Difficilmente imagina, quem não tem experiencia, os dissabores que pode dar a corrente, de rolos ou não, quando se apanha de surpreza chuva persistente. Rangido, tensão exaggerada depois de enlameada, ruptura até e, como consequencia, a perspectiva de andar parte do caminho a pé pela lama, tudo isto fará reflectir o *touriste* prudente. Além d'isso, mesmo fóra do mau tempo, o carter dá á corrente agilidade e brandura quando funcciona, o que se não pode obter limpando-a mesmo frequentes vezes.

Os melhores *carters* são os de folha de aço, soldados ao quadro da machina; como são hermeticamente fechados a cadeia mergulha n'um banho d'oleo. Tambem os ha desmontaveis, que são muito bons. O *carter* de celluloide transparente é incontestavelmente mais elegante, mas não fecha tão bem como os de aço.

Deve escolher se sempre uma machina com pneumaticos. Nada ha mais falso que julgar que a perfuração dos pneumaticos é accidente frequente e difficil de reparar. Alem do que, as vantagens dos pneumaticos, debaixo do ponto de vista da velocidade e da commodidade, isto é, da hygiene, compensam e bem os seus inconvenientes.

Um pneumatico attenua tanto mais os choques, em egualdade de circunstancias, quanto mais grosso é. Esta consideração fez adoptar, a principio, pneumaticos de calibre muito grosso (de 50 a 60 millimetros). A procura da leveza das rodas faz com que actualmente se empreguem pneumaticos de 45, 42, 38 millimetros e menos ainda.

Muito acceitaveis em boas estradas; os pneumaticos de 40 millimetros e menos, produzem n'um mau solo, principalmente em calçadas, abálos violentissimos quando estão um pouco cheios. Estas trepidações são prejudiciaes á machina e ao cyclista; os cyclistas cuidadosos do seu bem estar evitam-nos comprando pneumaticos não muito pequenos e não os enchendo demasiadamente. O exemplo dos corredores, que enchem os pneumaticos o mais possivel, não deve ser seguido; as necessidades da corrida nada teem de commum com as de simples *touriste*.

Um accessorio que se deve aconselhar é o travão. Todos os annos succedem muitas desgraças (machina desalvorada por uma descida, impossibilidade de a fazer parar deante d'um obstaculo imprevisto) que o travão poderia evitar.

O travão mais simples é o travão de calha que actua sobre a roda directriz. Os seus defeitos existem principalmente na imaginação dos cyclistas que, por um ponto de honra que pode ser perigoso, não querem usal-o.

O travão de cubo, collocado na roda trazeira é muito mais vigoroso e permitte a paragem quasi instantanea, qualquer que seja a velocidade. Tem porem o inconveniente de complicar a bycicleta e é realmente util na machina multipla, tripleta, quadrupleta, etc., que precisam para destruir a força viva consideravel da massa em movimento.

(*Continúa*).

O VELOCIPEDE EM 1820

A BICYCLETA — Posição para a frente

A BICYCLETA — Posição para traz

A BICYCLETA — Posição normal

O CYCLISMO

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Resposta a S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo-Conde *pelo vice-reitor do Seminario de Coimbra, sobre a intervenção dos empregados do mesmo seminario em luctas eleitoraes. — Coimbra, typographia do Seminario, 1900.*

Questão puramente local, acha-se exposta com perfeita clareza, n'um estylo despretencioso sem deixar de ser elegante, nas 15 paginas de que se compõe o opusculo.

Historia da Instrucção Popular em Portugal, *desde a fundação da monarchia até aos nossos dias, por D. Antonio da Costa. — 2ª edição — Antonio Figueirinhas, editor. — Porto, 1900.*

No testamento do illustre homem de letras, auctor do volume de que se trata, e que foi um escriptor primoroso e profundo, deixou elle livre a propriedade dos seus escriptos litterarios, prestando ainda depois de morto mais um assignalado serviço á litteratura do seu paiz com esta clausula magnanima e incondicionada, por permittir assim maior divulgação dos seus famosos escriptos. Qualquer pode publicar os seus livros; muitos o tem feito, para bem de todos. E sempre as edições se esgotam, d'ahi a necessidade de nova publicação. De facto, é sempre com prazer que se lê *O Christianismo e o progresso, A mulher, O heroe do Mondego*, e tantas outras obras com que elle, o saudoso extincto, enriqueceu as letras patrias. Merece louvores o esclarecido editor sr. Antonio Figueirinhas, por ter novamente lançado no mercado um dos melhores livros de D. Antonio da Costa, tanto mais que a presente edição vem enriquecida com notas posthumas, encontradas entre os papeis do auctor, e que constituem um valioso ponto de partida para quem quizesse, e para isso tivesse competencia, continuar a *Historia da Instrucção*, esclarecendo o que porventura necessite ser esclarecido, e fazendo o mais que a morte não deixou que o auctor fizesse em ulteriores edições de seu livro, por elle annotadas e ampliadas.

A edição é de agradavel aspecto, em bom papel e nitida impressão.

O Euzebiosinho. — *A. Cardoso de Faria e Maia. — Ponta Delgada, 1899.*

Euzebiosinho personifica, no pequeno romance de que é auctor o sr. Faria e Maia, o seductor d'officio, escolhendo de preferencia para alvo das suas galanterias a mulher dos outros. Um casamento em que a differença de edades é muito grande torna victima do *heroe* uma pobre mulher, que por elle desce ás ultimas baixezas. E n'isto se resume a acção principal. O auctor, que em outras publicações já tem mostrado o que vale, não desmerece n'esta dos seus creditos, affirmando-se escriptor consciencioso e de recursos.